

PROFa. ELISABETH V. DE GENNARI -25ª TURMA

Mestra Professora da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo

Senhor Diretor
Senhor Vice-Diretor
Senhores Professores
Senhoras e Senhores

Meus queridos Bacharelandos

Aqui estou, passados mais de seis meses da honrosa comunicação, sem conseguir ainda bem administrar esta enorme emoção.

Felizmente, posso deixá-la fluir sem pejo porque há maior condescendência com a fragilidade emocional feminina... Oxalá essa condescendência se estenda aos meus pares masculinos, porque é muito gratificante viver esta emoção sem grilhões, na plenitude de sua intensidade...

Não posso negar, também, que mais avulta essa emoção pelo conhecimento de que esta Turma, a 25ª da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo, é a primeira a distinguir uma Professora com tão honroso cargo. Assim, peço licença, a vocês e aos meus ilustres Colegas, para dividir com as demais sete Professoras integrantes do nosso Corpo Docente essa "imensa emoção".

Ademais, devo reconhecer que a maioria dos ilustres e consagrados Mestres que lhes ensinaram os caminhos do Direito, ao longo destes cinco anos, têm experiência e conhecimentos muito superiores aos meus... E, ainda mais me desvanece esta inesperada e imerecida homenagem.

Ainda neste tema, quero agradecer a quem me trouxe à Faculdade de São Bernardo, que me estimulou a pleitear a cadeira de Professor do estágio, que há quatro anos assiste a mim e às minhas turmas, o amigo, colega, leal Colaborador, Dr. Marcelo Bottallo, é com quem, uma vez mais peço permissão, para muito especialmente, compartilhar esta já decantada emoção.

E sobretudo, quero agradecer a vocês, à sua generosidade...

Imagino que já estejam pensando que me olvidei da solenidade da cerimônia, e estou me comportando qual atriz ao receber seu primeiro prêmio da academia de cinema!

Não, não me esqueci, nem persistirei desfiando agradecimentos e loteando a minha emoção...

Estou consciente da solenidade desta cerimônia, inclusive de que, protocolarmente, deveria estar proferindo estas palavras de maneira impessoal e tratando a todos na 2ª pessoa do plural.

Mas desculpem-me, não conseguiria tratá-los por vós... Assim, optei, nesta última oportunidade de falar a todos reunidos, aos assíduos, aos freqüentes e até mesmo aos constantes ausentes, - vedada que é, nesta oportunidade, a representação por mandatário - da mesma maneira como sempre o fiz em nossos encontros das 4^{as} feiras pela manhã e das 5^{as} e 6^{as}

feiras à noite, com simplicidade... Caso contrário, não seria eu, não seríamos nós...

(Apenas hoje lhes prometo, terminarei antes que soe o sinal da última aula...)

Renunciei da pretensão à erudição do discurso, reconfortada pela escolha que fizeram de seu Patrono: Prof. Sídnei Agostinho Beneti, o qual, com larga margem, suprirá as minhas limitações...

Longamente, meditei sobre a importância desta cerimônia e da responsabilidade do cargo que me conferiram... Vivi a angústia dessa responsabilidade...

O que deve dizer o Paraninfo aos Bacharelados que o escolheram?

Sobre o que devo falar-lhes?

O que esperam de mim?

Busquei o significado do vocábulo, “Paraninfo”:

Paraninfo é Padrinho.

O feminino de Padrinho é Madrinha.

Madrinha vem do latim “*matrina*”, que é o diminutivo afetivo de “*mater*”.

Mater é **MÃE**.

Dei trégua à luta e retornei ao meu mote: a **emoção**.

Qual a emoção que sinto ao vê-los aqui, neste Porto de Partida e de Chegada?

É a emoção da volta da emoção sentida no dia 10 de dezembro de 1979, há quase quinze anos.

No mesmo lugar onde vocês estão agora, já prestado o solene juramento, aguardava eu receber das mãos de meu Paraninfo minha passagem de Partida e de Chegada.

Partida do útero formador: a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

Chegada na rudeza da Escola da Vida: a solitária responsabilidade profissional.

Trazia na bagagem as lições dos Mestres e muitas, muitas dúvidas sobre a Ciência do Direito.

A memória de cinco anos de Vida Acadêmica, permeada nas Lembranças dos movimentos, de juristas, estudantes e da sociedade em geral, pelo retorno do Brasil ao Estado de Direito, movimentos que povoaram aqueles anos de 1975 a 1979.

Ecoava forte a “Carta aos Brasileiros”, a qual lançara, em 8 de agosto de 1977, o movimento pela reconstitucionalização do país, dentro dos princípios científicos, através da legitimidade das Leis e da Constituição.

Povoavam minha equipagem, ainda, as imagens, em tons candentes, das tentativas de invasão da Faculdade por aqueles que reagiam com a força, contra o uso da palavra, contra a liberdade de pensamento, contra o exercício dos direitos de cidadania.

Trazia um ideário encimado pelo ideal de **JUSTIÇA**.

Claro, junto também vieram muitos sonhos e, talvez, alguns devaneios.

Em síntese, eu era um legítimo fruto do Direito.

Olho para vocês, absolutamente desvanecida, com incontido orgulho, com, me permitam, verdadeiro olhar de “mãe coruja”, e os vejo, todos, como dignos e legítimos frutos do Direito.

Vejo-os Difusores da Cidadania, cavaleiros e amazonas da Justiça: **PACIFICADORES SOCIAIS**.

Vejo-os, também, como privilegiados. Sim, meus queridos afilhados, a par de todos os esforços pessoais que este diploma custou a cada um de vocês, integram uma **privilegiada** classe de minoria majoritária.

Todos que logram alcançar um título universitário no Brasil são privilegiados.

Portanto, vocês têm o dever de retornar à sociedade por esse privilégio, compartilhando do seu ideário.

Mas os vejo todos dando à sociedade muito mais do que receberam, não importa em que área atuem. Quer o orgulho de Professor vê-los Advogados, Mestres do Direito, Magistrados, Membros do Ministério Público, Procuradores, Delegados de Polícia, políticos probos. Mas vai a certeza que, seja qual for a sua atividade, sempre estarão exercitando o ideário de Frutos do Direito, sempre serão Difusores da Cidadania, implementadores da Justiça!

Entretanto, outros são os tempos atuais, diversos daqueles da evocada década de setenta. Vocês já entraram na Faculdade sob a égide de uma nova Constituição, **legítima** na sua origem, já reinstalado o Estado de Direito.

Evidente que o nosso atual Estado Democrático tem muitas mazelas, equívocos também existem no texto Constitucional, na ordem jurídica... É preciso melhorar, transformar, crescer...

Essa realidade que clama por vocês, pelo seu talento, pelo seu trabalho, pelos seus ideais.

E, nessa realidade, ressalta a imperiosa necessidade de resgatar os excluídos da sociedade brasileira, para que também conquistem o “status” de cidadão e passem a compor o Estado Democrático.

A denominada “Campanha contra a Fome”, simbolizada pelo sociólogo Herbert Souza, o “cantado” irmão do Henfil dos meus tempos de Faculdade, pôs à mostra, para todos nós, as dimensões dessa realidade: trinta e dois milhões de miseráveis, trinta e dois milhões de excluídos da Cidadania.

Essa massa humana desvalidamente amorfa, que recobre os morros, que se estende sob as pontes, que ladeia os mangues, que resseca até a morte nos sertões, que pulula, para nosso pânico, nos semáforos iluminados e nas esquinas sombrias...

É ela quem precisa de vocês... Ouso aqui fazer paradigma com o Evangelho (Marcos, 4,3): depois do pão, essa massa humana precisa da palavra, do conhecimento, do pensamento, do DIREITO!

Desenhem nessa massa os rostos da cidadania, transmudem essa massa, extraindo dela indivíduos que possam adquirir e exercitar o “status” de cidadão, resgatem-lhes a dignidade massacrada, integrem-nos à sociedade, transformem nosso país num verdadeiro Estado de DIREITO!

O que lhes digo agora é repetição, por outras palavras, do que lhes dizia o sacerdote, na 6ª feira, reportando-se ao Evangelho: VOCÊS SÃO O SAL DA TERRA! (Mateus, 5, 13).

Filhos do Direito: partam daqui em busca de seus sonhos, dos seus ideais, e dos nossos também, porque “...triste é o povo que haja perdido a chama encantada de seus sonhos!”

Prometi brevidade e me alongo, não posso faltar-lhes com a palavra nesse nosso último encontro, todos reunidos, neste domingo à noite.

Perdoem-me se essa minha fala, ditada pela emoção, não foi ao encontro dos seus anseios.

Agora, usando dos poderes dos quais vocês me investiram, de representante dos Professores e em nome da Mãe Faculdade, quero abraçá-los, num abraço de todos nós, da nossa turma, mas um abraço no sentido arquitetônico, de flores esculpidas na pedra que se entrelaçam em torno de uma coluna. Essa coluna é o nosso ideário, é o ideal de Justiça, em torno dela nos manteremos sempre unidos.

Eu os saúdo e felicito, bacharelados da 25ª Turma da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo!

São Paulo, 6 de fevereiro de 1994.

PROFa. ELISABETH V. DE GENNARI - 26ª TURMA

Mestra, Professora Titular da Faculdade de Direito de São Bernardo

Exmo. Sr. Dr. Diretor da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo;
Exma. Sra. Dra. Paraninfa das Turmas da noite, que ora se formam;
Membros do Corpo Discente e Docente da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo;

Exmos. professores homenageados e membros da honrosa mesa;

Srs. Pais, familiares e convidados dos formandos.

Peço vênia a todos, para falar, agora, aos ora formandos.

(Parabéns Professora, pelo tão belo discurso, que por certo irá ofuscar o que vou tentar passar)

Quando na antiga Grécia se realizava um dos atos mais solenes de todos os tempos, durante a cerimônia máxima do casamento, na hora em que o noivo ia buscar a noiva, se fazia ele acompanhar sempre do amigo mais nobre. Era o **seu paraninfo**.

Ao receber a notícia de que seria o Paraninfo do Quinto ano da manhã, desta Faculdade de Direito, fiquei lisonjeado e ao mesmo tempo preocupado, por tal honraria e reconhecimento (reconhecimento esse realizado todos os anos em que dou aulas nesta Faculdade, como Professor homenageado). Agradeço, pois, de maneira efusiva e consciente, este **paraninfo**, como um prêmio.

Que o meu e o caminho de V.Sas. ainda se cruzem muitas vezes, já como amigos mais nobres.

Com essas palavras iniciais, já levo saudades. Para levar saudades é preciso ter amizade ou amor perfeitos. E foi o que tive por essa Turma. Quem não as tem, não viveu... Para tê-las, é preciso a prévia coragem de padecer a dor da partida,

Até amanhã, **não**; até breve, talvez; até sempre, certamente.

Gostaria que essas e futuras palavras sejam estendidas às Turmas do Noturno.

Procurei escolher um tema mais moderno e político, como faço em todos os meus discursos, quando sou honrado pelos alunos. Contudo, hoje vou falar de algo mais antigo, vou falar sobre a profissão de Advogado, que ultimamente é tão criticada.

Uma das respostas mais aguardadas por V.Sas. (e num primeiro momento pela família), é que não vão ter que gastar mais dinheiro com a Faculdade, e nem com honorários. Cuidado, Srs., com o “cliente-parente”. Este exige, critica, e não paga. Na mesma esteira encontramos os “clientes-vizinhos” (estes estão “consultando” desde que V.Sas. estavam no segundo ano da Faculdade!!!)

O Advogado deve ter uma visão ampla e crítica sobre todos os assuntos. Deve se interessar por tudo. O Advogado deve ter uma “pena” afiada, ácida e mordaz. Com a prática e o passar dos anos, V.Sas. notarão que terão que estudar muito mais do que estudaram na Faculdade.

O Advogado não pode mostrar desconhecer o assunto frente ao ex-adverso ou até mesmo a clientes. Deve estudar profundamente cada assunto outorgado aos seus cuidados.

Uma demanda é uma batalha, e ai do comandante que então não estudou minuciosamente o plano de ataque, não reuniu todas as suas forças, não previu os golpes contrários, não obteve o pleno conhecimento do terreno; ai do Advogado que fez a petição inicial ou a

contestação sem aquele trabalho prévio. São esses os momentos decisivos das causas.

O Advogado deve ter - para vencer - a paixão pela causa que defende. Deve viver a demanda. Por tudo isso, o Advogado deve escolher a causa. A primeira sentença, tem-na o cliente no escritório do seu Advogado.

Eis uma faculdade que devemos conservar. A de recusar demandas. De não locar serviços para as questões com que não podemos solidarizar. **A dignidade da profissão o exige.**

Não deve ter o Advogado uma nefasta vaidade, que ao ser seduzido pelo apelo da mídia, formula mal suas propostas jurídicas. Espelhem-se no erro cometido pelo líder do Ministério Público Federal, Procurador Geral da República Dr. Aristides Junqueira, que ao invés de denunciar o ex-presidente Fernando Collor de Mello por crime por **exploração de prestígio**, sem provas contundentes, denunciou o ex-presidente por **corrupção**, querendo agradar a opinião pública. O Supremo Tribunal Federal deixou claro que as *“pressões da opinião pública não são provas, só pressões”*. O melhor será V.Sas. espelharem-se na atuação discreta, mas segura, dos Advogados dos Réus. Por outro lado, faço das palavras do emérito professor desta Faculdade, Ministro do STF **Sydney Sanches**, as minhas, quais sejam: *“Como cidadão, me sinto frustrado; como jurista, tenho que reconhecer que havia falhas graves na denúncia”*

O grande jurista Cesare Vivante nos doutrinou certa feita que jamais deveria o Advogado se aventurar *“a qualquer elaboração jurídica sem conhecer a fundo a estrutura técnica e a função econômica do instituto, objeto de seus estudos. É deslealdade científica, é falta de probidade falar de um instituto, para fixar-lhe a disciplina jurídica, sem conhecê-lo a fundo na sua realidade”*.

A Ciência do Direito não é exata, sempre há uma saída de bom senso. Esta Ciência pode ser dominada e moldada conforme o gosto do legislador, do doutrinador e da jurisprudência. É uma Ciência mutável, sempre aberta a novas realidades, mesmo fazendo-se utilizar preceitos antigos. É uma Ciência que se aprende estudando, mas se exerce pensando e questionando todos os pontos de um caso ou de uma obra jurídica.

O Advogado já nasce Advogado. É como um diamante que precisa ser lapidado. Ele já tem luz própria.

O Jurista **Eduardo Juan Coutre**, em seu famoso **“Mandamentos do Advogado”**, dita no último decálogo o seguinte: *“Ama a tua profissão - Procura considerar a advocacia de tal maneira que, no dia em que teu filho te peça conselho sobre seu futuro, consideres uma honra para ti aconselhá-lo que se torne Advogado”*.

Quando um Advogado, Srs., chega ao ponto de aconselhar seu filho, no dia decisivo em que deve orientá-lo sobre seu futuro, que siga sua própria profissão, é porque encontrou nela algo mais que um simples ofício.

Ofício, queremos para nós mesmos; mas para nosso filho almejamos, se possível, a glória.

A advocacia não é certamente um caminho glorioso. É feito, como todas as coisas humanas, de sacrifícios e de exaltações, de amarguras e esperanças, de desenganos e renovadas ilusões, mas certamente este pequeno fio de ouro de glória sempre vai nos acompanhar.

O dever do Advogado é lutar pelo Direito e pela Justiça

O Advogado é o administrador da Justiça. Impõe-se ao Advogado, como dizia **Rui**, a missão da luta pelo Direito contra o poder, em amparo dos indefesos, dos proscritos, e das vítimas da opressão.

O Direito, Srs., é um Sistema de Segurança, informado por Princípios de Justiça. Sem-

pre que as normas de segurança não tiverem por base princípios de Justiça, a segurança converte-se em opressão, organiza-se a reação geral, e ela própria desaparece.

Sempre que na aplicação dos princípios da Justiça não houver equidade, estabelecem-se reações que, repetidas, geram insegurança.

O Direito é um só. O que há, é um conjunto de normas organizadoras da segurança na vida, nos seus vários aspectos, as quais devem ser baseadas em princípios de Justiça. Organizar a vida resume-se em dar ao Homem tranquilidade para viver economicamente, socialmente e espiritualmente.

A Advocacia é a empolgante carreira que chama V.Sas. Nela, encarada como deve ser, como profissão liberal, o jurista tem o seu maior centro de atividade. O Advogado é o real propulsor de todo o Direito de um país. Vede o poder que ele tem de fazer funcionar a máquina judiciária, do Juiz mais inferior à Suprema Corte, para a defesa dos direitos de um constituinte. A **sua pena** e a **sua voz** são duas forças permanentes, sempre mobilizadas, para a luta jurídica.

Cabe ao Advogado pelejar pelo direito alheio - de humildes ou poderosos, não importa - com denodo e altivez maiores do que se por direito próprio pelejasse.

Cabe ao Advogado tentar, por toda a sorte e técnica, receber em seu escritório aquele quem o procura, tentando restabelecer o Direito adquirido ou desrespeitado.

Cabe ao Advogado ter independência, para que cada cidadão encontre, em seu trabalho, uma trincheira contra a cólera e os abusos do poder, contra as violações ao Direito e contra as perseguições injustas.

Tudo há de se temer, quando falta a independência; nada há que se recear, quando ela é respeitada.

Calamandrei acenava que o Advogado constitui o símbolo da razão e da oposição que se rebela contra a apatia e o conformismo, e é na toga que se recolhe o último residual da liberdade.

Aliás, quando V.Sas. entraram nesta Faculdade de Direito, transpuseram as colunas do **Templo** onde refulge a **Arca Santa do Justo** e, afi jurando, afirmaram a eternidade da ordem jurídica, assumiram o compromisso sagrado de defender a **Justiça**, o direito de viver em **liberdade, dignidade e independência**, para todos os **povos** e para todos os **homens pequenos ou grandes, pobres ou ricos, fortes ou fracos**, e de lutar para tal fim contra a **prepotência**, contra a **arrogância** e contra a **violência**.

Cabe ao Advogado colher os triunfos, mas também cabe receber com tenacidade toda amargura das revezes e decepções, retomando, porém, todos os dias, o rumo do Tribunal, na caminhada infinda do lidador do Direito e do buscador de Justiça.

Lembro as palavras do **Papa Paulo VI**, ao receber, em audiência, os membros do **conselho da União Internacional dos Advogados**, que assim se expressou: *“O Advogado é o Homem que defende e - tanto quanto pode - faz triunfar a Justiça. Então somente a Justiça pelos Homens inscrita no texto das Leis. Serve-lhes esta de ponto de partida, por certo; mas é para permitir-lhe elevar-se à Justiça gravada por Deus, no coração do Homem inscrita no texto das Leis. E, depois que lhe sondou as profundezas, volta à Justiça dos Códigos, para temperar-lhe e vivificar-lhe a rigidez por um grande sopro de compaixão humana”*.

O Advogado o é perante os Tribunais e só perante eles, sem apelo para os escândalos da publicidade. Não faz da banca balcão, ou da ciência mercatura. Não hipoteca aos interesses dos seus clientes, não esposa de seus ódios, não responde por suas paixões. Devem V.Sas. considera a Advocacia como a defesa do Direito sem personalidades.

Quem não combate pelo seu Direito também não luta pelos direitos sagrados de sua

família, de sua terra, de sua Pátria.

Por isso os nossos maiores, quando da emancipação política do Brasil, frisavam sempre que viesse a independência mas com a Constituição, e muitos com a fórmula de **Teófilo Ottoni**, reivindicavam, em 1822, “primeiro a liberdade e depois a independência”.

E foi assim que o Brasil entrou para o concerto das nações.

Prestigiemos, Srs., a Justiça, unindo-nos, juristas teóricos ou práticos, Advogados ou Juízes, Promotores e Procuradores em torno de nossos Tribunais, homenageando-os e respeitando-os, dando-lhes a solidariedade unânime que lhes devemos, nas horas decisivas para a sua existência.

Ruy Barbosa afirmava que “*Todo poder que se oculta, perverte-se*”, e também é verdade que todo poder que se subordina, que não reage, que não pode defender suas prerrogativas, **desaparece**.

O Advogado que não tem coragem de **lutar** e que aconselha a **fuga** dos Tribunais, o Juiz displicente e acomodaticio, que não sente as injustiças, que não vibra às investidas contra suas **atribuições e prerrogativas**, que não tem coragem de fazer valer o prestígio de suas funções, tal Advogado e tal Juiz estão concorrendo para o desprestígio de suas funções, tal Advogado e tal Juiz estão concorrendo para o desprestígio do Direito e da Justiça, estão inconscientemente insuflando o “quinta-colunismo” jurídico.

À primeira violência e ao primeiro desprestígio seguem-se outros e mais outros, e o povo e as elites perdem confiança em seus Tribunais, desanimam da solução jurídica das questões, e correm para os outros poderes, ao Legislativo e ao Executivo.

E a Advocacia, de nobre, altaneira, pública, independente, isto é, de advocacia judicial, perante os Tribunais, escorraça para a atividade mesquinha, humilhante, oculta, subalterna da advocacia legislativa e administrativa (de Advogado passa-se a lobista), de pleitear em antecâmaras o favor de elaboração de leis, decretos, circulares, etc.

Carnelutti ditou certa feita que o “processo existe porque os homens não sabem amar”

E se os Homens não sabem amar a tal ponto de surgir o litígio, cabe ao advogado estabelecer a ordem, indicando o devido Direito, restituindo, assim, a paz social.

O advogado tem que ter amor por seus atos e estudos.

Tem que ter amor por seus livros e clientes.

Tem que ter amor por sua profissão, pois, só assim, atingirá o mais alto páramo da Advocacia.

Cabe ao Advogado ter crenças arraigadas no Direito e na Justiça, capaz de defendê-los contra todos e perante todos.

Tal qual o sacerdócio e as artes, a Advocacia não suporta reduzir-se a meio de vida: ... é exercício de amor, ou não passa de **impostura**.

Obrigado

Fevereiro de 1.995

JOÃO ALBERTO SCHÜTZER DEL NERO - 27ª TURMA

Doutor em Direito pela Universidade de São Paulo. Professor titular de Direito Romano da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo. Professor assistente doutor de Direito Civil da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

DISCURSO PROFERIDO COMO PARANINHO DA 27.ª TURMA DA FACULDADE DE DIREITO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO (1995-1996)

1. — Excelentíssimo Senhor Professor Júlio Bonetti Filho,
DD, Diretor da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo.
Senhores Professores da Faculdade.
Senhores Funcionários da Faculdade.
Senhores Pais, Cônjuges, Filhos, demais Familiares e Amigos dos Formandos.
Senhoras e Senhores.
Senhores Formandos da 27.ª Turma da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo.
2. — O paraninfo, num dos sentidos próprios do termo, é “aquele que numa academia, por ocasião de se conferir o grau aos doutorandos, é por estes encarregado de proferir um discurso análogo à solenidade”.
Em sentido figurado, é o protetor de alguém.
3. — O paraninfo é, portanto, aquele a quem se atribuem dois encargos:
— o de proferir o discurso de formatura; e
— o de proteger os formandos.
Mas, para atribuir-lhe os encargos, os formandos o escolhem: por isso, o paraninfo é também aquele a quem se homenageia.
4. — Quanto à homenagem.
Agradeço-lhes ainda uma vez mais a honra de ter sido escolhido seu paraninfo.
Espero ser digno de tão delicada reverência, que enobrece muito mais quem a faz do que quem a recebe.
5. — Quanto aos encargos.
Espero ser capaz de cumprir tão elevada missão, que atemoriza muito mais quem a recebe do que quem a atribui.
6. — Proferir um discurso análogo a uma solenidade de formatura é, num momento presente, voltar a razão e a emoção para o passado.
E, depois, dirigi-las para o futuro.
7. — O passado traz, para este momento presente, a alegria.

A alegria de ter sido vencida, com mérito, uma etapa da vida reservada para muito poucos: o curso universitário.

Fruto de estudo, dedicação e, talvez, privação, sua alegria é mais do que merecida.

A mim e a todos os presentes, somente nos cabe aplaudir os seus esforços e, com a sua permissão, compartilhar de sua alegria, que, assim, se faz nossa também.

Alegremo-nos todos juntos, portanto.

8. — O futuro, porém, traz, para este momento presente, a dúvida e a apreensão.

Que lhes reserva o futuro?

Eu não sei.

Mas sei que o futuro é, em grande parte, determinado por nós, e não predeterminado por outros, que não nós mesmos.

Determinamos o nosso futuro — ou, pelo menos, parte dele — mediante:

— a eleição dos fins que nos propomos alcançar; e

— a escolha dos meios adequados para buscar alcançá-los.

É aqui, precisamente aqui, que o paraninfo pode começar a cumprir a segunda parte de sua missão: a de proteger os formandos.

9. — O supremo fim a ser eleito deve ser tão valioso e elevado, que nenhum outro o supere, ou a ele se equipare.

Felicidade.

Eu não conheço nada tão valioso e elevado quanto a felicidade.

Eu não conheço nada que a supere, nem que a ela se equipare.

Felicidade.

É o que eu espero, não que o futuro lhes reserve, dando-a; mas que os senhores elejam como supremo fim a ser alcançado, conquistando-a.

10. — O meio adequado para buscar atingir a felicidade, eu só conheço um: o exercício das virtudes.

Sabedoria, conhecimento e ciência: as virtudes intelectuais especulativas.

Arte e prudência: as virtudes intelectuais práticas.

Justiça, temperança e fortaleza: as virtudes morais.

Fé, esperança e caridade: as virtudes teológicas, quase sobre-humanas.

O exercício das virtudes.

Escolham-no, senhores, como meio adequado para buscar atingir a felicidade.

Escolhido esse meio, nele persistam, sem jamais esmorecer.

11. — Mas o exercício das virtudes é caminho árduo e inóspito.

Nele proliferam as dificuldades e escasseiam as pessoas.

É preciso coragem para escolhê-lo.

É preciso mais coragem ainda para nele manter-se.

Coragem, senhores, para tomar e trilhar o caminho das virtudes, que somente ele poderá conduzi-los à felicidade.

12. — Alegria, coragem, felicidade, virtudes que devem preservar-se.

Que isso tudo nos faz recordar?

Em agosto de 1991, ao apresentar-lhes o novo professor, hoje seu paraninfo, o então

diretor da Faculdade disse:

“Hoje em dia, professor de Direito Romano é como mico-leão-dourado: espécie em extinção, que deveria ser colocada sob a proteção do IBAMA”.

13. — A alegria, nas fábulas, é representada pelo macaco, pelo mico.
A coragem, também nas fábulas, é simbolizada pelo leão.
A felicidade, na linguagem das cores, é refletida pelo dourado.
As virtudes, como os micos-leões-dourados, são espécie em extinção, merecedoras de toda a proteção.

14. — Meus caros formandos.
Alegres como o mico,
Corajosos como o leão,
Busquem a felicidade dourada,
Protegendo as virtudes, para que não se extingam.

Muito obrigado.

JOÃO ALBERTO SCHÜTZER DEL NERO - 28ª TURMA

Doutor em Direito pela Universidade de São Paulo. Professor titular de Direito Romano da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo. Professor assistente doutor de Direito Civil da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

DISCURSO PROFERIDO COMO PARANINHO DA 28.ª TURMA (PERÍODO DIURNO) DA FACULDADE DE DIREITO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO (1996-1997)

— 1 —

Excelentíssimo Senhor Professor Doutor Diogenes Gasparini,
DD. Diretor da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo.
Senhores Professores da Faculdade.
Senhores Funcionários da Faculdade.
Senhores Pais, Cônjuges, Filhos, demais Familiares e Amigos dos Formandos.
Senhoras e Senhores.
Senhores Formandos da 28.ª Turma da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo e,
mais particularmente, os do período diurno.

— 2 —

Uma solenidade de formatura é uma espécie de rito de passagem: passagem de encerramento de uma fase, preliminar e transitória, ao princípio de outra fase, definitiva e permanente, de iniciação nos mistérios de uma disciplina do conhecimento ou da ação humana. Uma solenidade de formatura é, portanto, fim de um tempo, e começo de um outro tempo. Merece despedida, e exige recepção.

— 3 —

Antiga tradição acadêmica atribui ao paraninfo uma dupla missão:
— a de despedir-se, em nome da academia, dos que a deixam; e
— a de receber, no mundo que cerca a academia, os que nele entram.

— 4 —

Para cumprir essa dupla missão, escolheram-me os senhores.
A escolha, para quem escolhe, há de ter suas motivações racionais e emocionais.
Mas, para quem é escolhido, a escolha é sempre vista com os olhos da emoção, não com os olhos da razão. Agradeço-lhes, portanto, profundamente comovido, a elevada honra de ter sido escolhido seu paraninfo.
Diante de tão grande emoção, cale-se tão pequena razão, e não diga nada além de:
muito obrigado.

— 5 —

Urge, porém, cumprir a minha dupla missão, que, como Camões,
“Cantando espalharei por toda a parte,
se a tanto me ajudar o engenho e arte”.

— 6 —

A primeira missão do paraninfo é a despedida.
Adeus, antigos guardas-marinhas.
Está terminado o tempo de sua primeira preparação.
Aprenderam a usar cartas de navegação, sextantes, astrolábios e bússolas.
Aprenderam a dirigir naus, conduzindo-as a destino seguro.
Recebam de mim e de todos os que aqui estão presentes os mais que merecidos aplausos
pelo sucesso que alcançaram.
Mas esse tempo foi tão árduo e difícil, que uma dúvida poderia assaltá-los:
não terá sido em vão tanto esforço?

— 7 —

Ouçamos a resposta que nos dá Fernando Pessoa:
“Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar,
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.”

— 8 —

A segunda missão do paraninfo é a recepção.
Bem-vindos, novos capitães-de-mar-e-guerra.
Começa agora o tempo de sua ação.
Recebam, simbolicamente, da academia, o sextante do estudo e o astrolábio da reflexão,
que lhes permitirão a cada momento situar-se em latitude e longitude.
Mas — e a bússola, que lhes dará o rumo dos destinos a atingir?
Essa, os senhores deverão adquirir sozinhos.
A variedade é grande: há bússolas nobres e generosas; e há bússolas vis e mesquinhas.
Escolham-na com todo o cuidado, porque durante a travessia, em alto-mar, é difícil trocar
uma bússola por outra.

Meus caros formandos.

Suas naus estão prontas para partir. Adeus!

Com o sextante e o astrolábio que acabam de receber, e com a bússola que vierem a escolher, singrem os mares que cercam a academia.

Enfrentem e vençam todas as adversidades, com dedicação ao estudo, esforço no trabalho e fidelidade aos seus ideais maiores.

Como Vasco da Gama, transformem cada Cabo das Tormentas em Cabo da Boa Esperança, sem fugir de nenhum Gigante Adamastor.

Ou lembrando, ainda uma vez mais, Fernando Pessoa:

“O mostrengo que está no fim do mar

Na noite de breu ergueu-se a voar;

À roda da nau voou três vezes,

Voou três vezes a chiar,

E disse: «Quem é que ousou entrar

Nas minhas cavernas que não desvendo,

Meus tectos negros do fim do mundo?»

E o homem do leme disse, tremendo,

«El-Rei D. João Segundo!»

«De quem são as velas onde me roço?

De quem as quilhas que vejo e ouço?»

Disse o mostrengo, e rodou três vezes,

Três vezes rodou imundo e grosso,

«Quem vem poder o que só eu posso,

Que moro onde nunca ninguém me visse

E escorro os medos do mar sem fundo?»

E o homem do leme tremeu, e disse,

«El-Rei D. João Segundo!»

Três vezes do leme as mãos ergueu,

Três vezes ao leme as repredeu,

E disse no fim de tremer três vezes,

«Aqui ao leme sou mais do que eu:

Sou um Povo que quer o mar que é teu;

E mais que o mostrengo, que me a alma teme

E roda nas trevas do fim do mundo,

Manda a vontade, que me ata ao leme,

De El-Rei D. João Segundo!»”

Muito obrigado.